



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - CAMPUS ARARANGUÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FISIOTERAPIA

Maíli Tramontin
Maria Vitória Vieira Rovani

**Fatores associados à presença de incontinência urinária em mulheres
universitárias**

Araranguá
2024

Maíli Tramontin
Maria Vitória Vieira Rovani

**Fatores associados à presença de incontinência urinária em mulheres
universitárias**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Fisioterapia do Centro de Ciências, Saúde e Tecnologia do Campus Araranguá da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Fisioterapia.

Orientadora: Dra. Janeisa Franck Virtuoso

Araranguá

2024

RESUMO

Introdução: A incontinência urinária (IU) é considerada qualquer perda involuntária de urina e pode ser dividida em: urgência, esforço e mista. Embora frequente, a IU não deve ser negligenciada, pois ocasiona problemas médicos, higiênicos e afeta diretamente o bem-estar biopsicossocial feminino. **Objetivo:** Identificar a prevalência de IU e mapear seus fatores associados em mulheres universitárias. **Metodologia:** Trata-se de um estudo transversal composto por 145 mulheres regularmente matriculadas nos cursos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Campus Araranguá - SC. Os dados foram coletados por meio de um questionário online e anônimo acessado pelas universitárias interessadas em participar da pesquisa. A presença de IU foi identificada pelo *International Consultation on Incontinence Questionnaire - Short Form (ICIQ-SF)* e seus fatores associados foram identificados por características amostrais. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e inferencial, com nível de significância de 5%. **Resultados:** A prevalência de IU na amostra foi de 31,7% (n=46). Na análise dos fatores associados, observou-se que 75% (n=6) das praticantes de handebol também apresentaram perda urinária. **Conclusão:** A IU é uma disfunção do assoalho pélvico prevalente entre as universitárias deste estudo e a prática de handebol foi o principal fator associado. A relação entre a prática de handebol e IU deve ser amplamente estudada neste grupo.

Palavras-chave: incontinência urinária; fatores associados; universitárias.

ABSTRACT

Introduction: Urinary incontinence (UI) is considered any involuntary loss of urine and can be divided into: urgency, stress and mixed. Although frequent, UI should not be neglected, as it causes medical and hygienic problems and directly affects female biopsychosocial well-being. **Objective:** Identify the prevalence of UI and map its associated factors in female university students. **Methodology:** This is a cross-sectional study composed of 145 women regularly enrolled in undergraduate courses at the Federal University of Santa Catarina (UFSC), Campus Araranguá - SC. Data was collected through an anonymous online questionnaire answered by university students interested in participating in the research. The presence of UI was identified using the International Consultation on Incontinence Questionnaire - Short Form (ICIQ-SF) and the associated factors were identified according to sample characteristics. Data was analyzed using descriptive and inferential statistics, with a significance level of 5%. **Results:** The prevalence of UI in the sample was 31.7% (n=46). In the analysis of associated factors, it was observed that 75% (n=6) of handball players also had urinary loss. **Conclusion:** UI is a pelvic floor dysfunction prevalent among female university students in this study and handball practice was the main associated factor. The correlation between handball practice and urinary incontinence should be widely studied in this group.

Keywords: urinary incontinence; associated factors; female university students.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização da amostra	15
Tabela 2 - Associação entre prática do esporte e a presença de incontinência urinária em mulheres universitárias.....	18

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP	Assoalho Pélvico
CEPSH	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
DAP	Disfunções do Assoalho Pélvico
EVA	Escala Visual Analógica
IA	Incontinência Anal
ICIQ-SF	International Consultation on Incontinence Questionnaire - Short Form
ICS	International Continence Society
IA	Incontinência Anal
IMC	Índice de Massa Corporal
IU	Incontinência Urinária
IUE	Incontinência Urinária de Esforço
IUM	Incontinência Urinária Mista
IUU	Incontinência Urinária de Urgência
POP	Prolapso de Órgãos Pélvicos
SC	Santa Catarina
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me conceder força e coragem para que assim pudesse continuar vencendo todos os obstáculos. Ele nunca me abandonou nos momentos de necessidade.

Aos meus pais, Liane Maria e Valdecir, que não tiveram acesso a instrução formal, agradeço pelos infinitos esforços e por manterem a base firme para que eu pudesse ter acesso à formação universitária. A eles não foi dada a oportunidade de estudar, mas a faculdade da vida os ensinou o valor e o peso que o ato de buscar conhecimento tem em nossa sociedade.

Não posso deixar de agradecer a minha irmã Mariah Eduarda. Ela é a principal fonte de motivação para que eu consiga seguir em frente, pois me faz, mesmo sem saber, ser uma pessoa muito melhor.

Sou grata a minha tia Elina, minha segunda mãe, que exerceu um papel fundamental na minha vida, que me carregou no colo desde pequena, mas que ainda não mede esforços para que eu consiga realizar todos os meus sonhos. À minha prima Nicole, que sempre esteve de mãos dadas comigo, desde os primeiros passos na infância até a escolha do seu vestido de noiva, obrigada por ser minha conselheira e incentivadora em momentos que só uma palavra amiga precisava.

Ao meu namorado Giovanni, obrigada por ser meu porto seguro durante essa jornada desafiadora, seu apoio foi essencial: seja com palavras de encorajamento, ombros para os momentos difíceis ou simplesmente com sua presença constante que me fortalece. Obrigada por falar a “mesma língua” e contar a mesma história da minha vida.

Obrigada à Universidade Pública, principal centro desenvolvedor de pesquisa do país, que apesar dos sucessivos cortes de gastos, consegue entregar educação de excelência.

Um agradecimento especial a minha dupla da faculdade, Maria Vitória, que trilhou todos os passos comigo desde o primeiro semestre e, dessa vez, não foi diferente e esteve comigo em mais um desafio.

À orientadora Professora Dr^a Janeisa, meu muito obrigada por compartilhar seu conhecimento. Nossas conversas durante a sala de aula e também para além do grupo de estudo foram essenciais para que esse trabalho fosse finalizado com a sensação de dever cumprido.

Obrigada a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste sonho, cada pessoa que fez parte da minha história exerceu papel fundamental na minha trajetória.

Maíli Tramontin

Agradeço aos meus pais pela oportunidade e o privilégio de estudar e de adquirir conhecimento de inúmeras maneiras desde a infância. Eles me mostraram e me guiaram por caminhos seguros nesta caixinha de surpresas que é a vida, sempre priorizando ao máximo meu estudo, para que eu tivesse facilidades cotidianas que eram inimagináveis para eles quando eram jovens.

À minha mãe querida, que merece um agradecimento à parte por ser meu maior exemplo de amor e empatia, e me ensinar desde cedo a importância de respeitar e ajudar a todos que precisarem e estiverem ao meu alcance.

À minha única irmã, Olga, que eu admiro muito e que é o maior presente que eu poderia ter em meus dias. Desde que nasci, nunca estive só, pois ela estava segurando a minha mão, estando ao meu lado ou não. Não consigo nem imaginar um mundo sem nosso laço. Obrigada por me ajudar e estar sempre comigo.

À minha sobrinha "Lilica", que com sua risada, seu cheirinho e olhinhos brilhantes de quem está descobrindo o mundo, trouxe mais vida para a minha vida!

Ao Ed, meu namorado maravilhoso, atencioso, acolhedor e de quem eu sou a maior fã. Obrigada por ser meu alicerce aqui, por sempre me apoiar e me cuidar com todo seu amor e paciência.

À melhor amiga do mundo, Yasmin, por me ensinar o que é uma amizade verdadeira e duradoura, e me dar a certeza de que nunca estarei sozinha enquanto você existir. Nosso laço não é de sangue, é de alma!

À minha amiga Maíli, minha vizinha, duplinha de TCC, e minha companheira de inúmeras batalhas diárias na vida e nos dilemas universitários.

Por fim, agradeço à Professora Janeisa, pela oportunidade de conhecer a Fisioterapia em Saúde da Mulher e poder escrever um pouquinho sobre essa área linda que faz meu coração feliz.

Maria Vitória Vieira Rovani

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	MÉTODOS	12
2.1	TIPO DE ESTUDO E POPULAÇÃO.....	12
2.2	LOCAL DE ESTUDO.....	12
2.3	PARTICIPANTES.....	12
2.3.1	Critério de inclusão	12
2.3.2	Critério de exclusão	13
2.4	INSTRUMENTO DE ESTUDO.....	13
2.4.1	Ficha de caracterização da amostra e identificação de fatores associados	13
2.4.2	<i>International Consultation on Incontinence Questionnaire - SHORT FORM (ICIQ-SF)</i>	13
2.5	PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....	14
2.6	ASPECTOS ÉTICOS.....	15
2.7	ANÁLISE DE DADOS.....	15
3	RESULTADOS	16
4	DISCUSSÃO	20
5	CONCLUSÃO	24
	REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

O assoalho pélvico (AP) é essencial para a estabilidade da pelve, promovendo continência urinária e anal, micção e defecação, além de participar da função sexual e do parto (Quaghebeur *et al.*, 2021). Sendo assim, quando essas funcionalidades ocorrem fora da formalidade fisiológica, podem ser identificadas algumas disfunções do assoalho pélvico (DAP), como dores pélvicas, alterações na função sexual, constipação, prolapso de órgãos pélvicos (POP), incontinência anal (IA) e incontinência urinária (IU) (Verbeek *et al.*, 2019). A prevalência dessas disfunções costuma ser alta. Um estudo de Maldonado e colaboradores (2023) avaliou DAP em 721 mulheres mexicanas e destacou a IU como a disfunção mais prevalente, com um percentual de 61,4% das participantes, seguida por disfunção sexual (35%) e IA (16%).

A IU é a protagonista das DAP em diversos países e sua prevalência geral na população feminina varia de 25% a 45% (Milsom *et al.*, 2016). A Sociedade Internacional de Continência (ICS) define a IU como qualquer perda involuntária de urina (Abrams *et al.*, 2003). A partir disso, a IU é classificada em 3 tipos: incontinência urinária de esforço (IUE), presente em dois terços dos casos e associada ao aumento de pressão intra-abdominal; incontinência de urgência (IUU), caracterizada como a perda de urina que se manifesta quando há uma necessidade repentina e incontrolável de urinar; e incontinência urinária mista (IUM), que reúne características de esforço e urgência em um mesmo paciente.

Embora frequente, a IU não deve ser negligenciada, pois afeta diretamente o bem-estar biopsicossocial feminino, impactando na autoestima, funcionalidade e convívio social (Hammad, 2021; Gümüşsoy, Kavlak, e Dönmez, 2019; AlQuaiz *et al.*, 2023; Salo *et al.*, 2024). De acordo com um estudo recente de Molina e colaboradores (2023), mulheres que apresentam qualquer DAP vivenciam pior qualidade de vida geral relacionada à saúde, principalmente no aspecto emocional. A saúde mental é bastante impactada pela IU, sendo a depressão associada à IUM e IUU (Vikström *et al.*, 2021). Além disso, a IU tem consequências nas ocupações laborais, devido a preocupações diárias com escapes, odores, frequência de ingestão de líquidos e sono noturno de baixa qualidade (Jensen; Axelsen, 2024). Outrossim, estão estabelecidas relações variadas da IU com o prejuízo à função

sexual feminina, devido aos impactos negativos relacionados à autoimagem corporal e a autoconfiança (Bezerra *et al.*, 2020).

Parte significativa da literatura publicada sobre IU concentra-se em mulheres na menopausa (Schreiner *et al.*, 2020; Shang *et al.*, 2023; Trapani *et al.*, 2024; Da-Luz *et al.*, 2022; Mainu *et al.*, 2023). Nesse contexto, a maioria das publicações associa a IU feminina com fatores de risco como envelhecimento e suas alterações hormonais, obesidade, diabetes e paridade (Batmani *et al.*, 2021; Yang *et al.*, 2022; Najafi *et al.*, 2022; Tai *et al.* 2021). Não obstante, segundo Ural *et al.* (2020), a sintomatologia de IU em mulheres jovens e nulíparas mostra-se relevante e está relacionada à constipação, índice de massa corporal (IMC) acima do recomendado (entre 18,5 e 24,9 kg/m²), enurese infantil, rotina com exercícios de alto impacto e histórico familiar.

Apesar da maior incidência de IU afetar mulheres de meia-idade e idosas, também é preocupante como jovens são prejudicadas em seu cotidiano (Milsom; Gyhagen, 2019; Joseph *et al.*, 2021; Kowalik *et al.*, 2020). Um estudo recente de Szatmári *et al.* (2023), com a inclusão de 596 mulheres, analisou o conhecimento sobre IU utilizando como instrumento o *Prolapse and Incontinence Knowledge Questionnaire (PIKQ)*. O questionário consiste em 2 escalas distintas: a primeira, PIKQ-UI, é específica sobre IU, e o conhecimento sobre essa disfunção foi considerado satisfatório pela pesquisa caso fosse atingida a pontuação mínima de 80% de acertos. A partir disso, o estudo concluiu que apenas 27,7% das participantes tinham um bom nível de conhecimento sobre a IU e considerou a IU como uma DAP frequentemente subdiagnosticada e subtratada em mulheres jovens. Logo, sensibilizar e conscientizar sobre a IU pode levar a um aumento da procura por tratamento (Chen *et al.*, 2019).

A IU ocasiona problemas higiênicos, médicos e sociais, e faltam estudos sobre sua prevalência em estudantes universitárias, especialmente no Brasil (Beyazit; Hakverdi; Gozukara, 2023). A IU ainda é cercada de desinformação, tabus e constrangimentos, que dificultam a busca por ajuda (Peroni *et al.*, 2022). Sendo assim, é importante que os sintomas urinários nessa população majoritariamente jovem sejam identificados e não banalizados, e a procura por tratamento especializado possa ocorrer precocemente (Karasu *et al.*, 2023).

Diante da possibilidade de subdiagnóstico, essa pesquisa objetiva identificar a prevalência de IU e mapear seus fatores associados em universitárias da

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Campus Araranguá - SC. Dessa forma, futuramente, poderão ser possibilitadas estratégias informativas, preventivas e intervencionistas, a fim de promover maior qualidade de vida às mulheres jovens incontinentes.

2 MÉTODOS

2.1 TIPO DE ESTUDO E POPULAÇÃO

Trata-se de uma pesquisa do tipo observacional, de caráter transversal e de abordagem quantitativa dos dados, cuja população foi composta por mulheres universitárias. O estudo transversal é caracterizado por medições em um único momento ou período breve de tempo (Hulley *et al.*, 2015).

2.2 LOCAL E PERÍODO DE ESTUDO

O estudo foi realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Campus Araranguá, localizada no Sul do Estado e com sede na capital, Florianópolis. O Campus Araranguá é um Centro de Educação e Pesquisa avançado que oferta cinco cursos de graduação. Os dados foram coletados entre janeiro de 2024 e julho de 2024.

2.3 PARTICIPANTES

De acordo com os dados fornecidos pela administração da instituição sobre os graduandos, em 15 de março de 2024, o Campus Araranguá possuía 50 acadêmicas no Curso de Engenharia da Computação, 72 acadêmicas no Curso de Engenharia de Energia, 235 acadêmicas no Curso de Fisioterapia, 214 acadêmicas no Curso de Medicina e 59 acadêmicas no Curso de Tecnologias da Informação e Comunicação, totalizando 630 mulheres matriculadas.

2.3.1 Critérios de inclusão de participantes

Foram incluídas na amostra mulheres com matrícula ativa nos cursos de graduação ofertados pela universidade.

2.3.2 Critérios de exclusão de participantes

Foram excluídas do presente estudo mulheres que usavam medicamentos que afetam a função urinária (diuréticos e alguns bloqueadores alfa-adrenérgicos) e participantes que não preencheram adequadamente o questionário de coleta de dados.

2.4 INSTRUMENTOS DE ESTUDO

Para a caracterização da amostra, identificação dos fatores associados à IU e da presença desses sintomas em mulheres universitárias, foram coletadas informações por meio de um questionário online. Os instrumentos estão apresentados a seguir:

2.4.1 Ficha de caracterização da amostra e identificação de fatores associados

Esse instrumento, composto por 11 perguntas fechadas e 7 perguntas abertas, foi utilizado para caracterizar a amostra, conforme os critérios de estudo. As informações coletadas foram: os dados sociodemográficos (estado civil, cor da pele autodeclarada e emprego remunerado), fatores obstétricos (número de filhos e via de parto natural/cesárea), fatores ginecológicos (uso de contraceptivos) e fatores comportamentais (doença diagnosticada pelo médico, uso de tabaco, consumo de álcool, prática de atividade física e esportiva). Além disso, foram analisados os fatores antropométricos (peso e altura) das participantes.

2.4.2 *International Consultation on Incontinence Questionnaire - SHORT FORM (ICIQ-SF)*

Foi utilizado como instrumento o *International Consultation on Incontinence Questionnaire - Short Form (ICIQ-SF)*, com a intenção de avaliar a quantidade de urina perdida, a frequência de perda urinária, as situações em que as perdas ocorreram e a qualidade de vida de mulheres incontinentes. Validado e traduzido para a língua portuguesa em 2004, esse questionário atribuiu um valor de 0 (não interfere) a 10 pontos (interfere muito) para o quanto a perda urinária afeta a vida

diária. Além disso, há uma pontuação de 0 (nunca) a 5 (o tempo todo) referente à frequência da perda urinária. Ademais, é atribuído um valor de 0 (nenhuma) a 6 (uma grande quantidade) relacionado à quantidade de urina que a participante pensava que perdia em sua rotina. Dessa forma, a totalidade dos pontos desse questionário variou entre 0 e 21 pontos e relacionou ao impacto na qualidade de vida que as perdas urinárias causavam no cotidiano das mulheres (Tamanini *et al.*, 2004).

2.5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

O presente estudo foi divulgado em diferentes mídias sociais (*Instagram* e *Whatsapp*) por meio de mensagens padronizadas instantâneas. A comunicação foi realizada por *stories* ou por abordagem em grupos de universitários (grupos de turmas, de integração e de eventos), nos quais foi possível atingir um maior número de participantes e houve o acesso facilitado à pesquisa.

Além disso, o questionário esteve disponível para ser acessado por meio de panfletos com *QR Code*. Os panfletos foram distribuídos em pontos estratégicos na universidade (banheiros, laboratórios, corredores, cantina, restaurante universitário, bebedouros e sala de estudo), através da fixação de material gráfico em locais com alto fluxo de pessoas, para incentivar as universitárias a responderem a pesquisa.

A partir disso, as universitárias interessadas em participar da pesquisa acessaram um questionário online (Fatores associados à Incontinência Urinária em Universitárias) e anônimo, com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e uma série de perguntas da ficha de caracterização da amostra e do *ICIQ-SF*. Dessa forma, esse instrumento de pesquisa teve a finalidade de avaliar a quantidade de mulheres que perdiam urina e o quanto esse fator afetava o cotidiano dessas mulheres. O TCLE demandou aproximadamente 2 minutos das participantes e cada questionário necessitou de cerca de 3 minutos para ser respondido, totalizando, em média, 15 minutos para a aplicação total. Ao final da pesquisa foi apresentado um material informativo a respeito das DAP para as participantes do estudo.

2.6 ASPECTOS ÉTICOS

O estudo seguiu a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466 de 12 de dezembro de 2012, que tratou de pesquisa com seres humanos. O público-alvo foi convidado a responder um questionário totalmente anônimo, ao qual cada resposta foi cadastrada com siglas. Após aceitar o convite, as participantes assinaram o TCLE antes de começarem a responder os questionários.

Após o recolhimento de todas as respostas, foram estudadas as informações fornecidas no banco de dados, por meio do computador de uso pessoal das estudantes responsáveis pela coleta dos dados. Posteriormente, respeitando o prazo de cinco anos de segurança dos dados, essas informações serão deletadas.

O presente projeto foi aprovado no Comitê de Ética nº 3.437.754 em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC).

2.7 ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados foram armazenados em um banco de dados no programa Microsoft Excel® e cada participante foi cadastrada segundo um número codificador. A análise estatística será realizada no pacote estatístico SPSS – *Statistical Package for Social Sciences* (versão 17.0).

Inicialmente, todas as variáveis foram analisadas descritivamente por meio de frequência simples e porcentagens (variáveis categóricas) e medidas de posição e dispersão (variáveis numéricas). Para associação entre variáveis categóricas, foi utilizado o teste de Qui-Quadrado (χ^2) ou Exato de Fisher, quando necessário. Foi adotado um nível de significância de 5%.

3 RESULTADOS

Participaram da pesquisa 145 mulheres estudantes universitárias, das quais 75,9% (n=110) das participantes relataram que moram sozinhas. Além disso, 79,3% (n=115) não possuíam emprego remunerado e 82,1% (n=119) se autodeclararam brancas.

Quanto aos dados antropométricos, 70,3% (n=102) relataram ter o Índice de Massa Corpórea dentro da faixa considerada normal (18,5 - 24,9 Kg/m²), enquanto 29,7% (n=43) estavam acima do peso adequado (25 Kg/m² ou mais). Em relação aos fatores ginecológicos, 72,4% (n=105) relataram fazer uso de anticoncepcional hormonal e o contraceptivo oral foi o método de escolha de 54,5% (n=79) das participantes da pesquisa.

Em relação aos fatores comportamentais, o medicamento mais usado foi o anticoncepcional 56,6% (n=82), quanto ao hábito tabagista, 95,9% (n=139) declararam-se não fumantes e 28,3% (n=41) nunca consumiram bebidas alcoólicas. A atividade física de escolha mais comum entre as participantes da pesquisa foi a musculação 50,3% (n=73).

Na amostra, foi possível observar que 22,8% (n=33) das universitárias praticavam alguma modalidade esportiva e também foi possível verificar que 85,5% (n=124) das mulheres estudantes da universidade praticam alguma atividade física.

Tabela 1 - Caracterização da amostra (n = 145)

Dados Sociodemográfico	f (%)
Estado Civil	
Mora sozinha	110 (75,9%)
Mora com parceiro(a)	35 (24,1%)
Emprego Remunerado	
Possuem emprego	30 (20,7%)
Não possuem emprego	115 (79,3%)
Cor da pele autodeclarada	
Branca	119 (82,1%)
Parda	24 (16,6%)

Preta	1 (0,7%)
Indígena	1 (0,7%)

Fatores Obstétricos

Filhos

Não tem filhos	138 (95,2%)
Tem filhos	7 (4,8%)

Fatores Ginecológicos

Uso de anticoncepcional hormonal

Sim	105 (72,4%)
Não	40 (27,6%)

Contraceptivo utilizado pela participante

Anticoncepcional Oral	79 (54,5%)
Anticoncepcional Injetável	4 (2,8%)
DIU	19 (13,1%)
Implante	4 (2,8%)
Não utiliza nenhum tipo de contraceptivo	39 (26,9%)

Fatores Comportamentais

Doença diagnosticada pelo médico

Depressão	21 (14,5%)
Ansiedade	44 (30,3%)
Outras doenças diagnosticadas	20 (13,7%)
Sem doença diagnosticada	60 (41,3%)

Medicamentos em uso

Anticoncepcional	82 (56,6%)
Antidepressivo	21 (14,5%)
Ansiolítico	17 (11,7%)
Outros medicamentos	15 (10,3%)
Não fazem uso de nenhum medicamento	10 (6,9%)

Fumante

Não fumante	139 (95,9%)
-------------	-------------

Fumante	5 (3,4%)
Ex-fumante	1 (0,7%)

Atividade Física

Musculação	73 (50,3%)
Corrida	14 (9,7%)
Caminhada	15 (10,3%)
Funcional	6 (4,1%)
Aeróbico	4 (2,8%)
Outras atividades	12 (8,4%)
Não realiza atividade física	21 (14,4%)

Legenda: f: frequência simples. %: frequência relativa

Fonte: SPSS – *Statistical Package for Social Sciences*

Com relação à prevalência de perda urinária, segundo o *International Consultation on Incontinence Questionnaire - Short Form (ICIQ-SF)*, observou-se que 31,7% (n=46) das mulheres universitárias relataram episódios de IU durante a realização de suas atividades diárias. Com relação às situações de perda urinária, dentre as participantes da pesquisa que responderam ao questionário, 14,5% (n=21) perdem urina antes de chegar ao banheiro, 15,9% (n=23) apresentam IU quando tosem ou espirram, 2,1% (n=3) perdem quando estão dormindo, 8,3% (n=12) têm episódios de incontinência quando estão praticando atividade física, 4,1% (n=6) apresentam IU quando terminam de urinar e estão se vestindo, 6,2% (n=9) perdem sem razão alguma e 0,7% (n=1) mencionou episódios de perdas de urina o tempo todo.

Dentre as 33 mulheres praticantes de esporte, 42,4% (n=14) relataram episódios de perda de urina, enquanto que 57,6% (n=19) não tiveram episódios de IU.

Quanto às modalidades esportivas, observou-se uma diversidade entre as universitárias: luta (n=2), natação (n=4), handebol (n=8), voleibol (n=10), futebol (n=1), futsal (n=7), cheerleading (n=2), futevôlei (n=1), beach tennis (n=1), tênis de mesa (n=1), surf (n=1), ciclismo (n=7) e capoeira (n=1). Na associação entre a prática do esporte e presença de incontinência urinária, foi observado que 75% das

praticantes de handebol também possuem sintomas de IU ($X^2=7,321$; $p=0,007$). Os demais fatores associados à IU não apresentaram diferença significativa.

Tabela 2 - Associação entre prática do esporte e a presença de incontinência urinária em mulheres universitárias (n=33)

Esporte	Com IU (%)	Sem IU (%)	X²	p
Luta	0 (0%)	2 (2%)	0,942	0,332
Natação	2 (4,3%)	2 (2%)	0,634	0,426
Handebol	6 (13%)	2 (2%)	7,321	0,007*
Voleibol	5 (10,9%)	5 (5,1%)	1,656	0,198
Futebol	0 (0%)	1 (1%)	0,468	0,494
Futsal	4 (8,7%)	3 (3%)	2,194	0,139
Cheerleading	0 (0%)	2 (2%)	0,942	0,332
Futevôlei	1 (2,2%)	0 (0%)	2,167	0,141
Beach tênis	0 (0%)	1 (1%)	0,468	0,494
Tênis de mesa	1 (2,2%)	0 (0%)	2,167	0,141
Surf	0 (0%)	1 (1%)	0,468	0,494
Ciclismo	4 (8,7%)	3 (3%)	2,194	0,139
Capoeira	0 (0%)	1 (1%)	0,468	0,494

%= frequência relativa, X^2 =estatística do teste Qui-Quadrado, p=nível de significância; * $p<0,05$

Fonte: SPSS – *Statistical Package for Social Sciences*

4 DISCUSSÃO

Este estudo objetivou identificar a prevalência da IU e mapear seus fatores associados em universitárias da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Campus Araranguá - SC. Nesse cenário, foram encontradas na amostra uma alta prevalência de IU e associações significativas entre IU e a prática da modalidade esportiva handebol ($p=0,007$). É importante ressaltar que a intensidade da prática esportiva não foi mensurada na coleta de dados e que a amostra do presente estudo é composta unicamente por universitárias, sendo assim, possivelmente o esporte não é praticado profissionalmente.

De acordo com os resultados da pesquisa, a prevalência da IU encontrada nas alunas foi de 31,7% ($n=46$) durante a realização de suas atividades diárias. Ademais, é possível observar uma prevalência de IUE na amostra de alunas pois, nos itens específicos do questionário utilizado, 15,9% relata perda urinária ao tossir ou espirrar, 8,3% quando estão praticando atividade física e 4,1% quando terminam de urinar e estão se vestindo.

Resultados semelhantes aos deste estudo foram encontrados em pesquisas brasileiras atuais com estudantes universitárias, com o percentual de IU nas amostras de aproximadamente 37% (Pereira *et al.*, 2022; Matos *et al.*, 2022). Em outros países, a prevalência de IU encontrada nos estudos variou. Um estudo com 929 universitárias chinesas identificou que 23,6% da amostra apresentava perda urinária (Zhou *et al.*, 2019). Outra amostra, composta por 159 universitárias holandesas, encontrou a presença de IU em 20,1% (Van Breda; Bosch; Kort, 2015). Além disso, um estudo turco teve o percentual de 18,4% de sua amostra de universitárias manifestando perda de urina (Özcan; Beji, 2022). No que diz respeito à maior prevalência de IUE entre as universitárias estudadas nesta pesquisa, os achados coincidem com outros estudos, inclusive em mulheres jovens, sendo esse o tipo mais comum de IU (Abufaraj *et al.*, 2021; Osama *et al.*, 2022).

Esta pesquisa evidenciou que, entre as universitárias, 22,8% ($n=33$) praticavam algum esporte. Nessa perspectiva, 42,4% ($n=14$) das praticantes de alguma modalidade esportiva relataram perda de urina. De acordo com a revisão sistemática de Teixeira e colaboradores (2018), as perdas urinárias são mais comuns em atletas se comparado às mulheres sedentárias, sendo que as atletas

apresentam um risco 177% maior de apresentar IU. Por conseguinte, na literatura, sabe-se que a prevalência de IU em atletas femininas varia amplamente, de 5,56% a 80%, dependendo da modalidade esportiva e da intensidade de impacto a ela relacionado (Lourenço *et al.*, 2018; Rebullido *et al.*, 2021; Rodríguez-López *et al.*, 2021; Syeda e Pandit, 2024).

Como comentado, no contexto esportivo, a relação dos esportes com a perda urinária é íntima. O risco de desenvolver IU entre as praticantes de esportes de alto impacto, é maior do que nas que praticam esportes de baixo impacto (Alves *et al.*, 2017; Pires *et al.*, 2020; Almousa e Van Loon, 2019; Hagovska *et al.*, 2017). Essas informações coincidem com a revisão sistemática de Lourenço *et al.* (2018), que analisou a prevalência de IU em mulheres praticantes de esportes e constatou que a prática esportiva de alto impacto é um fator importante a ser considerado para a ocorrência de IU.

A fisiologia que conecta a ocorrência de perdas urinárias associadas à prática de esportes de alto impacto foi estudada por Kari Bø, em 2004. Para Bø, uma hipótese que pode justificar a ocorrência de DAP em praticantes de esportes é que as atletas podem ter os ligamentos danificados e a musculatura do assoalho pélvico sobrecarregada e enfraquecida, devido aos aumentos repetidos da pressão intra-abdominal que ocorrem durante as atividades de grande impacto. Sendo assim, a IU pode estar diretamente relacionada à frequência com que as atletas são submetidas ao aumento da pressão intra-abdominal.

Além disso, outro achado fisiológico relevante foi analisado na pesquisa de Borin, Nunes e Guirro (2012). No estudo, foi mensurada a pressão intracavitária com o uso de um perineômetro em uma amostra de 40 mulheres, sendo 10 jogadoras de voleibol, 10 jogadoras de handebol, 10 jogadoras de basquetebol e 10 não atletas. O estudo concluiu que as praticantes de esportes de maior impacto, como o voleibol, têm pressão perineal menor do que jogadoras de esportes de impacto um pouco menor, como o handebol, que também é categorizado como um esporte de alto impacto. Nesse contexto, a pressão perineal mais baixa foi relacionada com as DAP, como a IU.

Neste estudo, foi identificada a presença de IU em 75% (n=6) das praticantes da modalidade handebol. Esse resultado pode estar associado a características do handebol que fazem dele um esporte de alto impacto, devido aos movimentos

explosivos envolvendo saltos, defesas ágeis, mudanças de direção e arremessos (Gorostiaga *et al.*, 2005). Outrossim, fisiologicamente, estão presentes esforços aeróbicos e anaeróbicos simultâneos, pela combinação de componentes como resistência, esforço curto e esforço intenso, que caracterizam o handebol como uma prática de elevado componente dinâmico (Mitchell *et al.*, 2005).

Apesar da prevalência de IU associada às universitárias praticantes de handebol e destacada nesta pesquisa, não existe uma quantidade relevante de estudos relacionados diretamente à essa modalidade esportiva. Um estudo transversal de Hagovska e colaboradores (2018) com 278 atletas de variadas modalidades esportivas concluiu que a quantidade da amostra com IUE é maior em praticantes de atletismo, seguida por praticantes de voleibol e handebol, respectivamente.

Sequencialmente, é preciso considerar que, na literatura encontrada, a associação da IU com a prática esportiva em vários estudos reforça a influência dos esportes de alto impacto no potencial aumento de risco de perdas urinárias (Salvatore *et al.*, 2008; Goldstick e Constantini, 2013; Carvalhais, Jorge e Bø, 2017). Semelhante aos achados de Hagovska *et al.* (2018), o voleibol, o atletismo e o trampolim são as modalidades de maior destaque quando discute-se sobre a incidência de perda de urina em atletas, por terem características de maior impacto (Pires *et al.*, 2020; Joseph *et al.*, 2021; da Roza *et al.*, 2015). Não obstante, neste estudo com amostra de universitárias a associação entre IU e esporte foi mais evidente no handebol, se comparada ao voleibol, que apresentou 50% (n=5) das praticantes com perda urinária.

Diante do exposto, observou-se associação de perdas urinárias e prática de esportes de alto impacto. Apesar disso, é improvável e não saudável que as praticantes parem de se exercitar (Bø e Nygaard, 2019). Ademais, sabe-se que o TMAP é eficaz para o fortalecimento da região pélvica e diminuição de perdas urinárias, ajudando tanto na prevenção quanto no tratamento das DAP (Garcia-Sánchez *et al.*, 2019; Radzimińska *et al.*, 2018; Toloza, Cogollo e García, 2024; Curillo-Aguirre e Gea-Izquierdo, 2024). Esse dado é validado pela revisão sistemática de Rodríguez-Longobardo e colaboradores (2023), que analisou estudos específicos sobre o TMAP em mulheres atletas, especialmente da modalidade voleibol. Segundo os autores, uma possível alternativa para tratar e evitar a IU sem

que as praticantes de esportes precisem alterar seu desempenho esportivo é associar o TMAP como parte da rotina dessa população.

5 CONCLUSÃO

Este estudo evidenciou uma alta prevalência de IU em universitárias, especialmente em praticantes de handebol, considerado um esporte de alto impacto. Esse achado reforça a relação entre a sobrecarga e o tipo de modalidade esportiva no desenvolvimento de IU, sugerindo a importância de estratégias de fortalecimento do assoalho pélvico como alternativa preventiva e terapêutica para essas praticantes. Há necessidade de mais estudos específicos que corroborem a prevalência de IU em mulheres universitárias praticantes de handebol.

REFERÊNCIAS

- ABRAMS, P. *et al.* The standardisation of terminology in lower urinary tract function: report from the standardisation sub-committee of the international continence society. **Urology**, [S.L.], v. 61, n. 1, p. 37-49, jan. 2003. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0090-4295\(02\)02243-4](http://dx.doi.org/10.1016/s0090-4295(02)02243-4). Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0090429502022434?via%3Dihub#BIB7>. Acesso em: 08 abr. 2024.
- ABUFARAJ, M. *et al.* Prevalence and trends in urinary incontinence among women in the United States, 2005–2018. **American Journal Of Obstetrics And Gynecology**, [S.L.], v. 225, n. 2, p. 1-1, ago. 2021. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ajog.2021.03.016>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S000293782100168X?via%3Dihub>. Acesso em: 29 out. 2024.
- ALMOUSA, S.; VAN LOON, A. B. The prevalence of urinary incontinence in nulliparous female sportswomen: a systematic review. **Journal Of Sports Sciences**, [S.L.], v. 37, n. 14, p. 1663-1672, mar. 2019. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/02640414.2019.1585312>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30822258/>. Acesso em: 01 out. 2024.
- ALQUAIZ, A. M. *et al.* Urinary Incontinence Affects the Quality of Life and Increases Psychological Distress and Low Self-Esteem. **Healthcare**, [S.L.], v. 11, n. 12, p. 1772, 15 jun. 2023. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/healthcare11121772>. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10297870/#_ad93_. Acesso em: 29 out. 2024.
- ALVES, J. *et al.* Urinary Incontinence in Physically Active Young Women: prevalence and related factors. **International Journal Of Sports Medicine**, [S.L.], v. 38, n. 12, p. 937-941, 26 set. 2017. Georg Thieme Verlag KG. <http://dx.doi.org/10.1055/s-0043-115736>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28950397/>. Acesso em: 15 set. 2024.
- BATMANI, S. *et al.* Prevalence and factors related to urinary incontinence in older adults women worldwide: a comprehensive systematic review and meta-analysis of observational studies. **BMC Geriatrics**, [S.L.], v. 21, n. 1, 29 mar. 2021. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1186/s12877-021-02135-8>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33781236/>. Acesso em: 27 abr. 2024.
- BEYAZIT, A.; HAKVERDI, A. U.; GOZUKARA, K. H. The Effect of Pregnancy on Urinary Symptoms. **Cureus**, [S.L.], 28 ago. 2023. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.7759/cureus.44232>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37772213/>. Acesso em: 10 maio 2024.
- BEZERRA, L. R. P. S. *et al.* The Impact of Urinary Incontinence on Sexual Function: a systematic review. **Sexual Medicine Reviews**, [S.L.], v. 8, n. 3, p. 393-402, jul. 2020. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1016/j.sxmr.2019.06.009>.

Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32409182/>. Acesso em: 16 maio 2024.

BØ, K. Urinary Incontinence, Pelvic Floor Dysfunction, Exercise and Sport. **Sports Medicine**, [S.L.], v. 34, n. 7, p. 451-464, 2004. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.2165/00007256-200434070-00004>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15233598/>. Acesso em: 01 out. 2024.

BØ, K.; NYGAARD, I. E. Is Physical Activity Good or Bad for the Female Pelvic Floor? A Narrative Review. **Sports Medicine**, [S.L.], v. 50, n. 3, p. 471-484, 9 dez. 2019. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s40279-019-01243-1>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31820378/>. Acesso em: 15 set. 2024.

BORIN, L. C. M. da S.; NUNES, F. R.; GUIRRO, E. C. de O. Assessment of Pelvic Floor Muscle Pressure in Female Athletes. **Pm&R**, [S.L.], v. 5, n. 3, p. 189-193, 2 nov. 2012. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1016/j.pmrj.2012.09.001>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1016/j.pmrj.2012.09.001#bib14>. Acesso em: 07 out. 2024.

CARVALHAIS, A.; JORGE, R. N.; BØ, K. Performing high-level sport is strongly associated with urinary incontinence in elite athletes: a comparative study of 372 elite female athletes and 372 controls. **British Journal Of Sports Medicine**, [S.L.], v. 52, n. 24, p. 1586-1590, 22 jun. 2017. BMJ. <http://dx.doi.org/10.1136/bjsports-2017-097587>. Disponível em: <https://bjsm.bmj.com/content/52/24/1586>. Acesso em: 07 out. 2024.

CHEN, C. C. G. *et al.* Knowledge of pelvic floor disorders in women seeking primary care: a cross-sectional study. **BMC Family Practice**, [S.L.], v. 20, n. 1, 23 maio 2019. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1186/s12875-019-0958-z>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6533649/>. Acesso em: 12 maio 2024.

CURILLO-AGUIRRE, C. A.; GEA-IZQUIERDO, E. Effectiveness of Pelvic Floor Muscle Training on Quality of Life in Women with Urinary Incontinence: a systematic review and meta-analysis. **Medicina**, [S.L.], v. 59, n. 6, p. 1004, 23 maio 2023. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/medicina59061004>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37374208/>. Acesso em: 15 set. 2024.

DA-LUZ, D. V. *et al.* Sleep quality and urinary incontinence in elderly female exercise practitioners. **Sleep Science**, [S.L.], v. 15, n. 02, p. 333-338, jun. 2022. Georg Thieme Verlag KG. <http://dx.doi.org/10.5935/1984-0063.20210003>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35371404/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

GARCÍA-SÁNCHEZ, E. *et al.* What Pelvic Floor Muscle Training Load is Optimal in Minimizing Urine Loss in Women with Stress Urinary Incontinence? A Systematic Review and Meta-Analysis. **International Journal Of Environmental Research And Public Health**, [S.L.], v. 16, n. 22, p. 4358, 8 nov. 2019. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph16224358>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31717291/>. Acesso em: 29 out. 2024

GOLDSTICK, O.; CONSTANTINI, N. Urinary incontinence in physically active women and female athletes. **British Journal Of Sports Medicine**, [S.L.], v. 48, n. 4, p. 296-298, 18 maio 2013. BMJ. <http://dx.doi.org/10.1136/bjsports-2012-091880>. Disponível em: <https://bjsm.bmj.com/content/48/4/296>. Acesso em: 07 out. 2024.

GOROSTIAGA, E. M. *et al.* Differences in Physical Fitness and Throwing Velocity Among Elite and Amateur Male Handball Players. **International Journal Of Sports Medicine**, [S.L.], v. 26, n. 3, p. 225-232, abr. 2005. Georg Thieme Verlag KG. <http://dx.doi.org/10.1055/s-2004-820974>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15776339/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

GÜMÜŞSOY, S.; KAVLAK, O.; DÖNMEZ, S. Investigation of body image, self-esteem, and quality of life in women with urinary incontinence. **International Journal Of Nursing Practice**, [S.L.], v. 25, n. 5, p. 1-1, 12 jul. 2019. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/ijn.12762>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31297932/>. Acesso em: 29 out. 2024.

HAGOVSKA, M. *et al.* Prevalence and risk of sport types to stress urinary incontinence in sportswomen: a cross-sectional study. **Neurourology And Urodynamics**, [S.L.], v. 37, n. 6, p. 1957-1964, 21 fev. 2018. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/nau.23538>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29464810/>. Acesso em: 01 out. 2024.

HAGOVSKA, M. *et al.* Prevalence of Urinary Incontinence in Females Performing High-Impact Exercises. **International Journal Of Sports Medicine**, [S.L.], v. 38, n. 03, p. 210-216, 17 fev. 2017. Georg Thieme Verlag KG. <http://dx.doi.org/10.1055/s-0042-123045>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28212587/>. Acesso em: 01 out. 2024.

HAMMAD, F. T. Prevalence, social impact and help-seeking behaviour among women with urinary incontinence in the Gulf countries: a systematic review. **European Journal Of Obstetrics & Gynecology And Reproductive Biology**, [S.L.], v. 266, p. 150-156, nov. 2021. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ejogrb.2021.10.005>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34653920/>. Acesso em: 29 out. 2024.

HULLEY, S. B. *et al.* **Delineando a pesquisa clínica**: uma abordagem epidemiológica. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.

JENSEN, L. C. G.; AXELSEN S. Urinary Incontinence and Work Capacity. **Danish Medical Journal**. U.S. National Library of Medicine. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37897392/>. Acesso em: 16 maio 2024.

JOSEPH, C. *et al.* Stress Urinary Incontinence Among Young Nulliparous Female Athletes. **Cureus**, [S.L.], 15 set. 2021. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.7759/cureus.17986>. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8516023/>. Acesso em: 01 out. 2024.

KARASU, A. F. G. *et al.* Prevalence of urinary incontinence and anal incontinence: an internet-based cross-sectional study of female turkish university students.

International Urogynecology Journal, [S.L.], v. 34, n. 9, p. 2309-2315, 2 jun. 2023. Springer Science and Business Media LLC.

<http://dx.doi.org/10.1007/s00192-023-05573-7>. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37266726/>. Acesso em: 10 maio 2024.

KOWALIK, C. G. *et al.* Factors associated with urinary incontinence in a community sample of young nulligravid women. **Neurourology and Urodynamics**, [S.L.], v. 39, n. 5, p. 1430-1436, 23 abr. 2020. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/nau.24368>.

Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32324941/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

LOURENCO, T. R. de M. *et al.* Urinary incontinence in female athletes: a systematic review. **International Urogynecology Journal**, [S.L.], v. 29, n. 12, p. 1757-1763, 19 mar. 2018. Springer Science and Business Media LLC.

<http://dx.doi.org/10.1007/s00192-018-3629-z>. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29552736/>. Acesso em: 01 out. 2024.

MAINU, T. T. C. R. *et al.* Prevalence and Risk Factors of Urinary Incontinence among Elderly Women Residing in Kochi Corporation: a community-based cross-sectional study. **Journal Of Mid-Life Health**, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 15-20, 2023. Medknow.

http://dx.doi.org/10.4103/jmh.jmh_184_22. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37680380/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

MALDONADO, K. M. L. *et al.* Pelvic floor dysfunction in Mexican women.

International Journal Of Reproduction, Contraception, Obstetrics And Gynecology, [S.L.], v. 12, n. 11, p. 3202-3206, 27 out. 2023. Medip Academy.

<http://dx.doi.org/10.18203/2320-1770.ijrcog20233284>. Disponível em:

<https://www.ijrcog.org/index.php/ijrcog/article/view/13508>. Acesso em: 11 nov. 2024.

MATOS, G. S. R. *et al.* Prevalencia de incontinencia urinaria en estudiantes universitarias del interior del Amazonas. **Journal Of Wound Care**, [S.L.], v. 31, n. 6, p. 19-26, 1 jul. 2022. Mark Allen Group.

http://dx.doi.org/10.12968/jowc.2022.31.latam_sup_6.19. Disponível em:

https://www.magonlinelibrary.com/doi/abs/10.12968/jowc.2022.31.LatAm_sup_6.19?journalCode=jowc. Acesso em: 15 set. 2024.

MILSOM, I. *et al.* Epidemiology of urinary incontinence (UI) and other lower urinary symptoms (LUTS), pelvic organ prolapse (POP) and anal incontinence (AI). In: ABRAMS, Paul *et al.* Incontinence: 6th International Consultation on Incontinence, Tokyo, September 2016. 6. ed. **International Continence Society**, 2016. Disponível em:

https://www.ics.org/publications/ici_6/Incontinence_6th_Edition_2017_eBook_v2.pdf.

Acesso em: 08 maio 2024.

MILSOM, I.; GYHAGEN, M. The prevalence of urinary incontinence. **Climacteric**, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 217-222, 21 dez. 2018. Informa UK Limited.

<http://dx.doi.org/10.1080/13697137.2018.1543263>. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30572737/>. Acesso em: 12 maio 2024.

MITCHELL, J. H. *et al.* Task Force 8: classification of sports. **Journal Of The American College Of Cardiology**, [S.L.], v. 45, n. 8, p. 1364-1367, abr. 2005.

Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jacc.2005.02.015>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S073510970500313X?via%3Dihub>. Acesso em: 15 set. 2024.

MOLINA, R. A. P. *et al.* Influence of pelvic floor disorders on quality of life in women. **Frontiers in Public Health**, [S.L.], 24 out. 2023. Journal List. 10.3389/fpubh.2023.1180907 Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC10629477/>. Acesso em: 03 maio 2024.

NAJAFI, Z. *et al.* Urinary incontinence and related quality of life among elderly women in Tabas, South Khorasan, Iran. **Bmc Urology**, [S.L.], v. 22, n. 1, 31 dez. 2022. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1186/s12894-022-01171-9>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36587231/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

OSAMA, M. *et al.* Prevalence of urinary incontinence among young female adults. **Journal Of The Pakistan Medical Association**, [S.L.], 28 jun. 2022. Pakistan Medical Association. <http://dx.doi.org/10.47391/jpma.4282>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37013303/>. Acesso em: 07 out. 2024.

ÖZCAN, H.; BEJI, N. K. Lower urinary system symptoms and affecting factors in female students staying in a dormitory. **Revista da Associação Médica Brasileira**, [S.L.], v. 68, n. 7, p. 922-927, jul. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9282.20220058>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35946769/>. Acesso em: 07 out. 2024.

PEREIRA, L. C. do R. *et al.* Prevalence, knowledge, and factors associated with urinary incontinence in female students of a physical therapy undergraduate course. **Fisioterapia e Pesquisa**, [S.L.], v. 29, n. 3, p. 230-238, set. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1809-2950/19022929032022en>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ftp/a/YMNBHZX4jnTzYzTQbX8mpRF/?lang=en#>. Acesso em: 15 set. 2024.

PERONI, L. *et al.* Social Representations of Urinary Incontinence in Caregivers and General Population: a focus group study. **International Journal of Environmental Research And Public Health**, [S.L.], v. 19, n. 19, p. 12251, 27 set. 2022. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph191912251>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9566006/>. Acesso em: 10 maio 2024.

PIRES, T. *et al.* Prevalence of Urinary Incontinence in High-Impact Sport Athletes: a systematic review and meta-analysis. **Journal Of Human Kinetics**, [S.L.], v. 73, n. 1, p. 279-288, 7 jul. 2020. Termedia Sp. z.o.o.. <http://dx.doi.org/10.2478/hukin-2020-0008>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7386138/>. Acesso em: 01 out. 2024.

QUAGHEBEUR, J. *et al.* Pelvic-floor function, dysfunction, and treatment. **European Journal Of Obstetrics & Gynecology And Reproductive Biology**, [S.L.], v. 265, p.143-149, out. 2021. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ejogrb.2021.08.026>. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0301211521004346?via%3Dihub>. Acesso em: 5 abr. 2024.

RADZIMINSKA, A. *et al.* The impact of pelvic floor muscle training on the quality of life of women with urinary incontinence: a systematic literature review. **Clinical Interventions In Aging**, [S.L.], v. 13, p. 957-965, maio 2018. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.2147/cia.s160057>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29844662/>. Acesso em: 15 set. 2024.

REBULLIDO, T. R. *et al.* The Prevalence of Urinary Incontinence among Adolescent Female Athletes: a systematic review. **Journal Of Functional Morphology And Kinesiology**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 12, 28 jan. 2021. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/jfmk6010012>. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7931053/>. Acesso em: 01 out. 2024.

RODRÍGUEZ-LÓPEZ, E. S. *et al.* Prevalence of urinary incontinence among elite athletes of both sexes. **Journal Of Science And Medicine In Sport**, [S.L.], v. 24, n. 4, p. 338-344, abr. 2021. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jsams.2020.09.017>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1440244020307763?via%3Dihub>. Acesso em: 01 out. 2024.

RODRÍGUEZ-LONGBARDO, C. *et al.* Pelvic Floor Muscle Training Interventions in Female Athletes: a systematic review and meta-analysis. **Sports Health: A Multidisciplinary Approach**, [S.L.], v. 16, n. 5, p. 766-775, 9 set. 2023. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/19417381231195305>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37688407/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

ROZA, T. da *et al.* Volume of Training and the Ranking Level Are Associated With the Leakage of Urine in Young Female Trampolinists. **Clinical Journal Of Sport Medicine**, [S.L.], v. 25, n. 3, p. 270-275, maio 2015. Ovid Technologies (Wolters Kluwer Health). <http://dx.doi.org/10.1097/jsm.000000000000129>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25010151/>. Acesso em: 01 out. 2024.

SALO, H. *et al.* Urinary incontinence associates with poor work ability in middle-aged women: a northern finland birth cohort 1966 study. **Acta Obstetricia Et Gynecologica Scandinavica**, [S.L.], v. 103, n. 3, p. 572-579, dez. 2023. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/aogs.14743>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38037668/>. Acesso em: 15 set. 2024

SALVATORE, S; SERATI, M; LATERZA, R; UCCELLA, S; TORELLA, M; BOLIS, P-F. The impact of urinary stress incontinence in young and middle-age women practising recreational sports activity: an epidemiological study. **British Journal Of Sports Medicine**, [S.L.], v. 43, n. 14, p. 1115-1118, 26 set. 2008. BMJ. <http://dx.doi.org/10.1136/bjism.2008.049072>. Disponível em: <https://bjsm.bmj.com/content/43/14/1115.long>. Acesso em: 07 out. 2024.

SCHREINER, L. *et al.* Transcutaneous tibial nerve stimulation to treat urgency urinary incontinence in older women: 12-month follow-up of a randomized controlled trial. **International Urogynecology Journal**, [S.L.], v. 32, n. 3, p. 687-693, 15 out.

2020. Springer Science and Business Media LLC.

<http://dx.doi.org/10.1007/s00192-020-04560-6>. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33057739/>. Acesso em: 18 maio 2024.

SHANG, X. *et al.* Association of overweight, obesity and risk of urinary incontinence in middle-aged and older women: a meta epidemiology study. **Frontiers In Endocrinology**, [S.L.], v. 14, 10 out. 2023. Frontiers Media SA.

<http://dx.doi.org/10.3389/fendo.2023.1220551>. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37886637/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

SYEDA, F.; PANDIT, U. Prevalence of urinary incontinence in nulliparous Indian sportswomen. **Journal Of Family Medicine And Primary Care**, [S.L.], v. 13, n. 8, p. 3270-3274, 26 jul. 2024. Medknow. http://dx.doi.org/10.4103/jfmprc.jfmprc_282_24.

Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39228564/>. Acesso em: 15 set. 2024.

SZATMÁRI, É. *et al.* Hungarian Women's Health Care Seeking Behavior and Knowledge of Urinary Incontinence and Pelvic Organ Prolapse: a cross-sectional study. **Urogynecology**, [S.L.], v. 29, n. 11, p. 907-913, 17 maio 2023. Ovid Technologies (Wolters Kluwer Health).

<http://dx.doi.org/10.1097/spv.0000000000001367>. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37195642/>. Acesso em: 12 maio 2024.

TAI, H. *et al.* Determinants of Urinary Incontinence and Subtypes Among the Elderly in Nursing Homes. **Frontiers In Public Health**, [S.L.], v. 9, 6 dez. 2021. Frontiers Media SA. <http://dx.doi.org/10.3389/fpubh.2021.788642>. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34938714/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

TAMANINI, J. T. N. *et al.* Validação para o português do "International Consultation on Incontinence Questionnaire - Short Form" (ICIQ-SF). **Revista de Saúde Pública**, [S.L.], 2004. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rsp/a/sJjtsdfRRnmcgBSLB6gGqDx/?format=pdf>. Acesso: 26 maio 2024.

TEIXEIRA, R. V. *et al.* Prevalence of urinary incontinence in female athletes: a systematic review with meta-analysis. **International Urogynecology Journal**, [S.L.], v. 29, n. 12, p. 1717-1725, 13 abr. 2018. Springer Science and Business Media LLC.

<http://dx.doi.org/10.1007/s00192-018-3651-1>. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29654349/>. Acesso em: 01 out. 2024.

TOLOZA, S. C. M.; COGOLLO, A. F. V.; GARCÍA, K. M. P. Pelvic floor training to prevent stress urinary incontinence: a systematic review. **Actas Urológicas Españolas (English Edition)**, [S.L.], v. 48, n. 4, p. 319-327, maio 2024. Elsevier BV.

<http://dx.doi.org/10.1016/j.acuroe.2024.01.007>. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38556125/>. Acesso em: 15 set. 2024.

TRAPANI, S. *et al.* Non-Pharmacological Management of Urge Urinary Incontinence in Women between 40 and 65 Years Old: a systematic review. **Nursing Reports**, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 174-196, 9 jan. 2024. MDPI AG.

<http://dx.doi.org/10.3390/nursrep14010015>. Disponível em:
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38251193/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

URAL, Ü. M. *et al.* Urinary incontinence in female university students. **International Urogynecology Journal**, [S.L.], v. 32, n. 2, p. 367-373, 8 jun. 2020. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s00192-020-04360-y>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32514750/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

VAN BREDA, H. M. K.; BOSCH, J. L. H. R.; KORT, L. M. O. de. Hidden prevalence of lower urinary tract symptoms in healthy nulligravid young women. **International Urogynecology Journal**, [S.L.], v. 26, n. 11, p. 1637-1643, 18 jun. 2015. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s00192-015-2754-1>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00192-015-2754-1>. Acesso em: 29 out. 2024.

VERBEEK, M. *et al.* Pelvic Floor Dysfunction And Its Effect On Quality Of Sexual Life. **Sexual Medicine Reviews**, [S.L.], v. 7, n. 4, p. 559-564, out. 2019. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1016/j.sxmr.2019.05.007>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2050052119300642?via%3Dihub>. Acesso em: 04 maio 2024.

VIKSTRÖM, N. H. *et al.* Anxiety and depression in women with urinary incontinence using E-health. **International Urogynecology Journal**, [S.L.], v. 32, n. 1, p. 103-109, 24 fev. 2020. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s00192-020-04227-2>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7788012/>. Acesso em: 16 maio 2024.

YANG, X. *et al.* The Anatomical Pathogenesis of Stress Urinary Incontinence in Women. **Medicina**, [S.L.], v. 59, n. 1, p. 5, 20 dez. 2022. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/medicina59010005>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35371404/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

ZHOU, F. *et al.* Toileting behaviors and factors associated with urinary incontinence in college-aged female students in China. **International Urogynecology Journal**, [S.L.], v. 31, n. 5, p. 961-971, 9 jul. 2019. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s00192-019-04043-3>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00192-019-04043-3>. Acesso em: 15 set. 2024.

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Rovani, Maria Vitória Vieira

Fatores associados à presença de incontinência urinária em mulheres universitárias / Maria Vitória Vieira Rovani, Maíli Tramontin ; orientadora, Janeisa Franck Virtuoso, 2024.

32 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Araranguá, Graduação em Fisioterapia, Araranguá, 2024.

Inclui referências.

1. Fisioterapia. 2. Incontinência urinária. 3. Fatores associados. 4. Universitárias. I. Tramontin, Maíli. II. Virtuoso, Janeisa Franck. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Fisioterapia. IV. Título.